

A Fundação Cultural faz o balanço anual

A gestão provisória de Márcio Cotrim demonstra na avaliação da FCDF o quanto a máquina andou aquecida para atuar

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO

Quem vai ocupar o cargo de diretor da Fundação Cultural do DF, organismo responsável pela execução da política traçada pela Secretaria de Cultura e Esportes, cujo titular continuará sendo Márcio Cotrim?

Nos bastidores, vários nomes estão em discussão e análise. Fala-se que a escolha está entre Luíza Dornas, atual titular do Departamento de Promoção Cultural da FCDF; no ex-presidente da Embrafilme, Moacir de Oliveira, e no presidente do Conselho de Cultura do DF, Tetê Catalão (que recusou até ser candidato ao cargo).

Se depender da vontade de alguns artistas e entidades (liderados por Plínio Mósca, presidente da Associação de Produtores de Arte e Cultura), signatários de dois manifestos, a atual titular da Fundação, Sônia Moura, continuará no cargo.

Afinal, argumentam os manifestantes: "se o publicitário Márcio Cotrim foi referendado por sua ativa política de eventos, por que mudar, exatamente, a administradora-executiva, que segurou todas as barras para proporcionar tal volume de atividades ao secretário"? Outro argumento: "Se a cidade pagou para ver Cotrim, agora, com uma gestão — e não mais provisória — por que não dar a mesma chance à atual diretora da Fundação Cultural"?

Para recolocar Sônia Moura no centro das discussões sucessórias, há outro documento. Na última sexta-feira, ela apresentou ao Conselho Deliberativo da FCDF, o Relatório de Atividades Abril/Novembro. Em 47 páginas, Sônia documenta com dados relativos a custos, borderôs e resultado de público, os oito meses de trabalho da FCDF. Logo na introdução, ela registra que "a abertura da instituição para o público, para a comunidade artística e para a imprensa, assim como o resgate da credibilidade da entidade junto aos mercados consumidor e fornecedor foram ações não mensuráveis de uma administração que teve como objetivo principal o trabalho". E mais: "Temos a consciência de que não foi possível planejar e traçar uma política cultural embasada nas discussões e reflexões próprias do setor, mas com a certeza de que buscamos a justiça, fomos profissionais sem os favoritismos comuns da administração pública e que a transparência no comportamento diário, fruto da conquista árdua da liberdade, nortearam nossa conduta".

Os integrantes do Conselho Deliberativo receberam o documento com tamanho entusiasmo que decidiram criar o Artigo 29 de seu Regimento Interno, que reza "a apresentação anual de Relatório de Atividades pela direção-executiva da FCDF".

Na manhã de ontem, Sônia Moura recebeu o Caderno 2 para comentar os manifestos em favor de sua permanência, o Relatório de Atividades e os desafios da dobradinha SCE/FCDF nos próximos quatro anos. Eis alguns dos pontos principais da conversa.

Sucessão — "Não tenho muito a dizer a este respeito. Só que me sinto muito honrada em ver que segmentos da comunidade artística julgaram meu trabalho sério e eficiente. Isto massageia o meu ego, me deixa muito feliz. Os funcioná-

Três nomes e inúmeras conjunturas



Moacir Oliveira

Com a recusa prévia do presidente do Conselho de Cultura do DF, o poeta e jornalista Tetê Catalão, a disputa pelo cargo de diretor-executivo da FCDF, o nome mais cotado até agora é o de Luíza Dornas. Luíza pertence aos quadros da Fundação Educacional, mas desenvolveu grande parte de sua atividade profissional no terreno da Cultura. Coordenou o Projeto Platéia, dirigiu o escritório brasileiro da Embrafilme e participou da organização de várias edições do Festival de Brasília



Sônia Moura

do Cinema Brasileiro. Quando Márcio Cotrim assumiu a Secretaria de Cultura e Esportes, convocou-a para ocupar o terceiro posto na hierarquia cultural da cidade: a direção do Departamento de Promoção Cultural da FCDF.

Moacir de Oliveira é produtor e diretor de cinema. Ele vem de Minas, onde desenvolveu atividades na área da produção de filmes do Pólo Mineiro e cargos administrativos na gestão de José Aparecido (secretário de Cultura, de Mi-

Antonio Cunha

nas Gerais, no governo de Tancredo Neves). Quando Aparecido assumiu o MinC, Moacir tornou-se seu assessor para assuntos cinematográficos. Mudou-se, com o mesmo Aparecido, para o GDF. Quando o governador voltou ao MinC, Moacir foi escalado para dirigir a Embrafilme. Na última campanha política, integrou a equipe de comunicação do candidato Joaquim Roriz.

Sônia Moura é jornalista de formação e profissional de marke-

Arnildo Shultz



Luíza Dornas

ting por especialização e ação. Iniciou suas atividades profissionais no Grupo Bloch. Depois, tornou-se gerente de marketing do Grupo Hotel do Frade. Chegou a Brasília há 10 anos. Em 81, dirigiu o Detur (Departamento de Turismo). Durante oito anos foi gerente de marketing do SBT (Sistema Brasileiro de TV), em Brasília. Passou pela Ratto Propaganda, por três meses. Em abril, foi convidada para assumir a direção-executiva da FCDF. (MRC)

rios também, me dirigiram manifestações de apoio, o que me deixa muito satisfeita. Afinal, quando cheguei, eles reclamavam (além da questão salarial) benefícios como ticket-refeição, passe etc. Fui às Secretarias de Planejamento, Finanças e Administração e consegui solução para todos estes pleitos. É preciso registrar, com ênfase, que o governador Wanderley Vallim delegou competência a seus assessores diretos para que solucionassem, com a maior rapidez e eficiência possível, os problemas de cada dia".

Quadro funcional — "Está aí um dos grandes desafios da Fundação Cultural. O nosso quadro de pessoal dispõe de 1.021 cargos. Destes, 311 estão ocupados, restando, portanto, 710 vagas. É preciso decidir se teremos 1.021 cargos ocupados e mal-remunerados, ou uma equipe mais enxuta e bem-remunerada. Neste momento, só enxergamos uma solução: há que se parar para reavaliar a instituição como um todo. Não podemos continuar agregando novos espaços à FCDF (de naturezas diversas como a Rádio Cultura, a Casa do Cantador, o Teatro da Praça ou Escola Parque, o Museu de Arte de Brasília, o Panteão da Pátria, a Sinfônica, o Cine Brasília, o Museu Histórico, o Planetário, o Teatro de Sobradinho etc) se não estabelecermos o perfil dos técnicos e das atividades que vamos desenvolver. Afinal, somos uma instituição que funciona de manhã, à tarde e à noite. Como o GDF adotou o horário corrido, temos que montar turnos de seis horas, em número de três, para que permaneçamos 18 horas em atividade".

Rádio Cultura — "Depois de

meses de gestões junto aos secretários de Administração, Planejamento e Fazenda, conseguimos encaminhar soluções propostas por Comissão que estudou a situação da Rádio Cultura. Hoje a emissora funciona das 6h00 às 24h00, vem renovando seus equipamentos e terá, em breve, condições de mudar-se definitivamente para a Sala de Coro do Teatro Nacional, onde poderá transmitir, ao vivo, concertos da Sinfônica e espetáculos de música popular".

Síndrome do verão — "Montamos um programa emergencial para os meses de janeiro e fevereiro. O Senalba, sindicato que representa os funcionários, argumenta que eles estão estressados, pois nunca trabalharam tanto quanto nestes últimos meses. Isto é verdade. Daí, montamos um esquema para que a Sala Alberto Nepomuceno continue funcionando, com a retaguarda de uma equipe de manutenção do Teatro Nacional. Se conseguirmos apoio solicitado à Atlantic, montaremos Sessões de Vídeo nas tardes da Nepomuceno e temporada teatral à noite. Enquanto isto, uma firma de consultoria nos fornecerá detalhado estudo de O & M (Organização e Métodos) e RH (Recursos Humanos). Afinal, há que se levar em conta a natureza de nossas atividades. Recebemos aporte financeiro do Governo que se soma ao faturamento de nossas bilheterias, pois vendemos um produto — cultura. Só uma empresa especializada, nos ajudará a corrigir erros que vêm-se acumulando há anos. Há casos, aqui, de cargos que foram criados para encaixar esta ou aquela pessoa. Tal situação foi ge-

rando distorções a ponto de termos hoje uma colcha de retalhos muito mal emendados".

Círculo de museus — "Um dos desafios para a próxima gestão é integrar os espaços culturais da cidade, de forma que o turista e o cidadão brasileiro possam usufruir e bem de nossos espaços. Por que não criar, por exemplo, linha de ônibus que apanhe o turista no Aeroporto e o leve ao MAB, à Catedral, ao Teatro Nacional etc? O sonho de qualquer administrador cultural, nesta cidade, é ver o MAB como centro do Espaço de Lazer do Lago, integrado a restaurantes, lanchonetes, uma marina, jardins, parques e museus. Com apoio da iniciativa privada, este projeto pode dar excelentes frutos, pois criará um centro de lazer (apoiado na cultura) de natureza singular no DF. O Cauma (Conselho de Arquitetura e Urbanismo) já aprovou o projeto. Agora, é arregaçar as mangas e buscar recursos privados".

Satélites — "Em oito meses, pudemos fazer muito pouco pelas satélites. Não pudemos nem montar circuitos para a Orquestra Sinfônica (em praças e estádios), nem para que espetáculos teatrais e musicais chegassem ao Teatro do Sesi, ao Teatro da Praça ou ao Teatro de Sobradinho. Este é o grande desafio da próxima administração. Há que se criar novos espaços para a produção e veiculação cultural nas satélites e traçar quadro de aproveitamento de áreas abertas na época da seca. Outro desafio é fever os convênios (muitos, malfeitos) assinados com parceiros que não querem ter obrigações, mas apenas

direitos".

Projetos especiais — "É com orgulho que vimos o MAB sediar a exposição do Prêmio Brasília de Artes Plásticas, evento de grandeza nacional, que rendeu matérias em jornais de vários pontos do País. A Folha de São Paulo, inclusive, vem usando como capa de seu carnê de assinaturas a capa da Ilustrada onde mostra que o MAB recebeu 15 milhões de cruzeiros para ampliar seu acervo. O Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e o Encontro Nacional de Escritores, eventos tradicionais no calendário da FCDF, que enfrentavam muitas dificuldades (o ENE deixou de ser realizado várias vezes), receberam total apoio de nossa administração. O Cine Brasília, de janeiro a novembro, exibiu 86 filmes diferentes, atingindo a um público de 93 mil pessoas, com um faturamento de Cr\$ 7.413.875,00. Foi, ainda, palco do Festival de Cinema, que custou Cr\$ 18.000.000,00. Os filmes concorrentes foram vistos por 12 mil pessoas e renderam bilheteria de Cr\$ 1.275.800,00. O MAB promoveu seis grandes exposições visitadas por 2.665 pessoas".

Teatro Nacional — "Foi o espaço que mais se revitalizou em nossa gestão. Nele promovemos 1.150 atividades, somando espetáculos e exposições. Estas atividades foram prestigiadas por 176.551 espectadores. Da renda bruta (Cr\$ 130.851.000,00) a FCDF arrecadou, a título da taxa dos 15%, Cr\$ 24.848.000,00. Os concertos da Orquestra Sinfônica foram prestigiados por 25.921 pessoas. O Planetário de Brasília, que estava fechado, foi reaberto e visitado (a partir de 12 de julho) por 31.668 pessoas.